



OS FILISTEUS ETERNOS INIMIGOS

O Povo de Israel e seus inimigos

O Povo de Deus, mesmo após entrar na Terra Prometida, nunca esteve livre de inimigos e desafios. Os povos vizinhos simbolizam as forças que se opõem ao plano divino e à fidelidade da Aliança. Essa realidade se reflete claramente nos salmos seguintes, onde Deus manifesta sua soberania sobre todas as nações.

Salmo 60(59),10

*“Moab é a bacia em que me lavo,
e sobre Edom eu lanço a minha sandália.
Grita a vitória contra mim, ó Filisteia!”*

Salmo 108(107),10

*“Moab é a bacia em que me lavo,
e sobre Edom lanço minha sandália,
contra a Filisteia grito a vitória!”*

Nos Salmos 60 e 108, encontramos um antigo oráculo de vitória em que Deus proclama sua soberania sobre as nações vizinhas de Israel. Trata-se de uma profissão de fé mais do que de um canto militar: em tempos de insegurança e ameaça, o povo reafirma que é o Senhor quem governa e reparte as terras, quem dá a vitória e conduz a história, não as forças humanas.

As imagens usadas são de grande força simbólica. Quando o salmo declara que *“Moab é a bacia em que me lavo”*, expressa desprezo e submissão: o antigo inimigo torna-se como um utensílio de serviço, instrumento da purificação de Deus

sobre as impurezas do passado. Ao dizer “*sobre Edom lanço minha sandália*”, evoca o gesto de posse e domínio: Deus reafirma sua autoridade sobre o rival de Israel, transformando a humilhação em sinal de soberania. E finalmente, “*contra a Filisteia grito a vitória!*”” proclama a vitória total do Senhor sobre todas as potências hostis.

Assim, o salmo transforma a geografia em teologia: cada povo representa uma realidade submetida ao governo divino, e cada imagem revela que o verdadeiro poder pertence a Deus, que transforma inimigos em instrumentos de sua justiça e purifica a história com sua presença.

Neste encontro e nos próximos dois, veremos vários dos inimigos de Israel (filisteus, amalecitas, edomitas, moabitas, amonitas, cananeus, fenícios e arameus), para conhecer melhor quem eram e o que representavam.

Introdução

A história dos filisteus está profundamente entrelaçada à do povo de Israel, especialmente durante o período dos Juízes e da monarquia unida. Foram, durante séculos, os principais adversários dos israelitas e desempenharam um papel decisivo na configuração política e espiritual da Terra Santa. Muitos dos grandes episódios do Antigo Testamento, desde Sansão até Davi, envolvem direta ou indiretamente o confronto com esse povo guerreiro, cuja influência marcou todo o litoral mediterrâneo da antiga Canaã. Israel sonhava submeter os filisteus, a ponto do oráculo do Salmo 60,10 dizer com ironia: “*Grita a vitória contra mim, ó Filisteia!*”

1. Origem dos filisteus

A origem dos filisteus está associada ao chamado “Povo do Mar”, grupo de povos que, por volta do século XII a.C., migrou em ondas sucessivas em direção ao Oriente Próximo, ocupando a faixa costeira do atual sul de Israel. Essa região passou a ser conhecida como Filístia (território dos filisteus) correspondente à moderna Faixa de Gaza. De acordo com o livro do Gênesis (cf. Gn 10,14) e as Crônicas (cf. 1Cr 1,12), eram descendentes de Mesraim, filho de Cam, e, segundo o profeta Amós (cf. Am 9,7), teriam vindo de Cáftor, nome hebraico para a ilha de Creta. Possuíam, portanto, uma cultura de origem egeia, posteriormente misturada aos elementos semitas da região.

⇒ “Sobre a origem do grupo de povos do mar conhecido como filisteus (em egípcio: *plst*; em acádico: *palastu*, *pilistu*; em hebraico: *pelishtim*) não se sabe nada de exato. O AT repetidamente os põe em relação com Caftor = Creta: Gn 10,14; Dt 2,23; Am 9,7; Jr 47,4; 1Cr 1,12; cf. também 1Sm 30,14; Sf 2,5; Ez 25,16; e a designação ‘krethi e plethi’ (cereteus e feleteus) usada para referir-se aos soldados do rei Davi. De fato, indícios históricos e arqueológicos apontam para o conjunto de ilhas do Mar Egeu e para a Asia Menor Ocidental. É incerto se originalmente provieram mesmo dessas regiões — da Cária, por água através de Creta e por terra ao longo da costa da Asia Menor — ou se sua terra natal original foram os Bálcãs (Ilíria?). A primeira menção dos filisteus em inscrições situa-se no oitavo ano de governo de Ramsés III (1177 a.C.), que os derrotou junto com seus acompanhantes, os *tkl*, na Síria, na costa fenícia ou na Palestina Setentrional. Enquanto os *tkl* permaneceram na costa fenícia até o Carmelo, os filisteus avançaram em direção ao sul.”

Donner, *História de Israel e dos povos vizinhos*, pág. 47.

Quando as grandes potências da Antiguidade (Egito, ao sul, e Assíria, ao norte) atravessaram períodos de fraqueza, os filisteus aproveitaram o vácuo político para expandir seu domínio sobre a Palestina ocidental. Estabeleceram uma confederação de cinco cidades-estado: Gaza, Ascalon, Asdode, Ecrom e Gate. Cada uma possuía seu próprio governante, mas unidas formavam uma força militar formidável. A arqueologia confirma que os filisteus eram tecnologicamente avançados: foram pioneiros no uso do ferro na região, enquanto os israelitas ainda utilizavam instrumentos de bronze. Essa superioridade metalúrgica explicava, em grande parte, suas vitórias iniciais e a dificuldade dos hebreus em enfrentá-los de igual para igual (cf. 1Sm 13,19-22).

2. Conflitos com Israel

Os primeiros grandes embates entre israelitas e filisteus remontam ao tempo dos Juízes, especialmente à figura carismática de Sansão (cf. Jz 13–16), cuja missão consistiu em libertar Israel do jugo filisteu. Em seguida, durante a juventude do profeta Samuel, os filisteus chegaram a capturar a Arca da Aliança (cf. 1Sm 4–7), sinal do declínio espiritual de Israel naquele período.

Mais tarde, durante o reinado de Saul, as guerras contra os filisteus tornaram-se constantes. O rei passou praticamente todo o seu governo em campanha militar, tentando conter suas incursões e recuperar o prestígio do povo escolhido. Foi também num desses confrontos que se deu o episódio mais emblemático da rivalidade entre os dois povos: o duelo entre Davi e Golias (cf. 1Sm 17), símbolo da vitória da fé sobre a força, e do poder divino sobre o orgulho humano.

⇒ Nota da Bíblia do Peregrino a 1Sm 13:

“Depois da vitória na Transjordânia, Saul vai enfrentar o perigo filisteu dentro de casa. A situação parece ser esta: os filisteus mantêm submissos os israelitas como vassalos não muito convencidos. Para assegurar o seu domínio, empregam, sobretudo, duas medidas militares: pequenas guarnições destacadas em pontos estratégicos e desarmamento sistemático dos israelitas. Os filisteus tinham trazido consigo a técnica do ferro quando desembarcaram na Palestina e se adiantaram notavelmente a Israel na ‘idade do ferro’. A situação entre os dois povos é instável, tensa, e, de um momento para outro, podem irromper hostilidades.”

Os filisteus organizavam seus exércitos com disciplina impressionante, dispunham de uma infantaria pesada fortemente armada (cf. 1Sm 17,4-7) e de vassalos militares obrigados a prestar serviço de guerra (cf. 1Sm 27,2-12). Em contraste, Israel possuía apenas milícias tribais e exércitos temporários, formados em momentos de crise. Essa disparidade tecnológica e estrutural explica o domínio filisteu em boa parte do século XI a.C.

3. A decadência e o desaparecimento

Com o passar do tempo, contudo, o equilíbrio de forças mudou. Sob Davi, Israel consolidou-se como potência regional, subjugando os filisteus e limitando seu território (cf. 2Sm 5,17-25; 8,1). A partir daí, eles nunca mais recuperaram a antiga hegemonia. Os profetas Isaías (cf. Is 14,28-32) e Jeremias (cf. Jr 47) anunciaram a ruína desse povo, afirmando que o orgulho filisteu seria castigado.

Essas palavras se cumpriram: primeiro, os filisteus foram dominados pelos assírios, depois sofreram forte repressão do Egito. O faraó Neco II conquistou Gaza por volta de 609 a.C., praticamente destruindo sua organização política. Mais tarde, após a vitória de Nabucodonosor sobre o Egito em Carquemis (605

a.C.), a região foi incorporada ao Império Babilônico. Os filisteus foram deportados, dispersos e perderam completamente sua identidade nacional.

A última menção bíblica a esse povo aparece no profeta Zacarias (cf. Zc 9,6s), já depois do exílio babilônico. No período helenístico, as antigas cidades da Filístia reaparecem como centros cosmopolitas, povoados por uma população mista, sem traços definidos da antiga cultura filisteia.

4. Lições espirituais e históricas

A trajetória dos filisteus, de potência militar a povo desaparecido, oferece uma reflexão espiritual. Eles representam o símbolo do poder humano sem referência a Deus, da civilização que confia nas armas, na riqueza e na própria força. Foram temidos, vitoriosos, mas acabaram reduzidos ao esquecimento.

A história bíblica mostra que nenhum império é eterno: Egito, Babilônia, Roma. Todos ruíram quando colocaram sua confiança no poder, na organização, na dominação dos demais. Assim também os filisteus, apesar de seu domínio e progresso técnico, sucumbiram diante da vontade divina.

A pergunta que permanece é atual e provocadora: pode alguém se opor sistematicamente a Deus e ao seu Povo? A resposta da história é clara. Toda sociedade que se edifica sobre o orgulho e a violência termina por ruir, enquanto o desígnio de Deus, silencioso e fiel, continua a conduzir a história para sua plenitude.

Prof. Dr. Pe. Marcelo Cervi

BIBLIOGRAFIA:

Bíblia de Jerusalém, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia Sagrada. Tradução oficial da CNBB, 6ª ed. (2024), Brasília, CNBB, 2025.

Bíblia Sagrada Ave Maria. Edição de Estudos, 3ª ed., São Paulo, Ave Maria, 2012.

Bíblia. Palavra viva, São Paulo, Paulus, 2022.

A Bíblia, São Paulo, Paulinas, 2023.

Bíblia do Peregrino, São Paulo, Paulus, 2002.

Bíblia. Tradução ecumênica, São Paulo, Loyola, 1994.

Nova Vulgata. Bibliorum sacrorum editio, Editio typica altera, Città del Vaticano, Libreria Editrice Vaticana, 1998.

- AAVV, *Dicionário enciclopédico da Bíblia*, São Paulo, Loyola – Paulinas – Paulus – Academia Cristã, 2013.
- AAVV, *La Biblia comentada por los Padres de la Iglesia*. Vol. 4: *Josué – Jueces – Rut – 1-2 Samuel*. Madrid, Ciudad Nueva, 2005.
- DONNER, H., *História de Israel e dos povos vizinhos*. v.1: Dos primórdios até a formação do Estado. São Leopoldo, Sinodal, 1997.
- GIL, J. – DOMÍNGUEZ, J., *Pórtico da Bíblia. Recursos didáticos para compreender a Bíblia: cronologias, mapas e gráficos de cada livro*, Jerusalém, Saxum, 2024.
- HARRINGTON, W., *Chave para a Bíblia: a revelação, a promessa, a realização*, 7ª ed., São Paulo, Paulus, 2004.
- KONINGS, J., *A Bíblia, sua origem e sua leitura. Introdução ao estudo da Bíblia*, 8ª reimp., Petrópolis, Vozes, 2024.
- LIVERANI, M., *Para Além da Bíblia: História antiga de Israel*, São Paulo, Paulus - Loyola, 2008.
- MEDEIROS, J.M., *Panorama da História da Bíblia*, 8ª ed., São Paulo, Paulus, 2003.
- REINKE, A.D., *Os outros da Bíblia: história, fé e cultura dos povos antigos e sua atuação no plano divino*, Rio de Janeiro, Thomas Nelson Brasil, 2023.
- VON RAD, G., *Teologia do Antigo Testamento*. Vol.1, 2ª ed., Trad. Francisco Catão, São Paulo, Aste-Targumin, 2006.